

EM LOUVOR DO ESPANTO

VILEM FLUSSER

Camus ensina, no "Mito de Sísifo", que há somente um único problema fundamental: por que não me mato? A própria formulação dessa pergunta caracteriza, a meu ver, uma situação existencial que proponho seja chamada e definida como "situação atual", tanto em seus aspectos individuais como coletivos. Pressupõe essa formulação uma desilusão total com todos os valores e uma indolência vital e intelectual que transforma o suicídio em única obra que possivelmente vale a pena. Este me parece ser o clima da pergunta: nada vale a pena, salvo, talvez, suicidar-se. É o clima do tédio absoluto, e o halito que o inspira é o bocejo. Com efeito, a própria pergunta "por que não me mato?" é pronunciada com um bocejo. O propósito do presente artigo é articular esse clima com a esperança de destruí-lo, não o negando, mas tentando superá-lo.

Podemos imaginar a situação do homem primordial (esse ser mítico, como situação espantosa). Está ele jogado no meio de coisas que sobre ele se precipitam para esmagá-lo. Surgem as coisas, uma após outra ou em grupos, da penumbra que forma o horizonte da situação, e invadem, ameaçadoras, a clareira que o homem primordial habita. As coisas advêm das sombras e cada uma é uma aventura assombrosa, seja ela uma fera ou um trovão, uma árvore ou outro homem. Diante de toda coisa que advém, o homem primordial treme, espantado, porque toda coisa é nova. Sendo nova, toda coisa é milagrosa. O tremor do homem face a coisa é portanto um misto de temor e admiração, é um tremor religioso ("Urschauer"). Essa situação espantosa podemos identificar, individualmente, com a situação da criança recém-nascida, e, coletivamente, com a situação da humanidade recém-expulsa do paraíso. Nela a pergunta "por que não me mato?" não pode surgir, não há clima para ela. A pergunta que impera nela é "como posso sobreviver?" e a resposta a essa pergunta é dedicando todo esforço da existência humana primitiva.

Essa situação pertence a um passado remoto individual e coletivo. A nossa situação como seres "biasés" e como geração tardia é outra. Nada nos es-

panta, porque nada é novo. Não estamos jogados no meio de coisas, mas no meio de instrumentos. Esses instrumentos são, no fundo, prolongamentos e projeções do nosso próprio eu. As máquinas são nossos braços prolongados, os veículos nossas pernas prolongadas, e o mundo em geral é uma projeção do nosso eu sobre a superfície calma e abismal do nada. As feras que ainda aparecem são chorros projetados por nos para guardar nossas casas. Os trovões que ainda trovejam são movimentos do ar projetados por nós para carregar os nossos aviões em seu voo fútil. As árvores que ainda brotam são matéria-prima projetada por nós para ser transformada em instrumento. E o "outro" que compartilha conosco esse mundo instrumental é, ele próprio, instrumento, sendo fornecedor ou consumidor, parceiro ou concorrente. A nossa atitude diante desse mundo dos instrumentos é a atitude de "já vi tudo", a atitude do "já vi tudo". Os instrumentos não nos advêm do penumbra misteriosa, não são aventureiros. Pelo contrário, estão aqui, diante da nossa mão para servir-nos. Tomados de nojo dessa servilidade, somos nós os que saímos em busca desesperada da aventura, desautenticando, por esse nosso movimento deliberado, a própria essência da aventura, que é um "advir", e não um "ser buscado". Essa nossa busca inautêntica de aventura, que é no fundo uma fuga do tédio, e que caracteriza tão bem a situação atual, já é uma tentativa fracassada de responder à pergunta "por que não me mato?".

A transformação do mundo espantoso das coisas milagrosas no mundo nojento dos instrumentos tediosos é uma transformação lenta. Levou milênios para realizar-se, e ainda não está completa. Ainda restam, na situação atual, grandes províncias "subdesenvolvidas", grandes ilhas do maravilhoso a flutuar no oceano dos instrumentos. Mas, protegidas como sombras pela muralha dos instrumentos, não nos amparamos: esses restos de um mundo ultrapassado. E, embora continuemos avançando contra essas regiões mal exploradas com rapidez impiedosamente acelerada, não nos seduz esse avanço, já que lhe conhecemos o resultado: transformação do mara-

vilhoso em tedioso. Neste sentido, sim, podemos dizer que o processo de transformação do espanto em tédio está completado, por assim dizer por antecipação do resultado. Ainda resta muito a fazer, mas já não vale a pena fazê-lo. É nesse clima que Camus formula a sua pergunta, e é nesse clima que grande parte da nova geração vegeta.

A filosofia existencial, filha do tédio e neta do espanto, procura descobrir, pela reflexão, a diferença ontológica entre o mundo das coisas e o mundo dos instrumentos. Heidegger diz que as coisas são nossa condição, e os instrumentos nossos testemunhos. Trata-se de um pensamento informado pela língua alemã e dificilmente pensável em português. "Coisas" em alemão são "Dinge" e "condição" é "Bedingung". "Instrumentos" em alemão são "Zeug" e "testemunhas" são "Zeugen". Mas embora não seja possível traduzir a análise heideggeriana, é possível aproveitar-se dela para pensamentos portugueses independentes. É claro que a qualidade de ser das coisas é diferente da qualidade de ser dos instrumentos. As coisas surgem do fundo escuro do nada, são coisas justamente por não serem nada. Mas o nada faz com que sejam coisas as coisas, porque lhes serve de pano de fundo e as faz resplandecer em seus contornos. As coisas são os meteoros do nada que se precipitam sobre o campo gravitacional da existência para realizar-se. São os mensageiros, ("anjos") em grego do nada, e, como diz Rilke, "todo anjo é terrível". Toda coisa arrasta consigo o nada do qual advém, toda coisa rasga a plenitude do ser e abre uma fenda para o nada. Toda coisa revela o nada e é por isto que toda coisa é espantosa. O instrumento é a coisa domesticada. É uma coisa apreendida, compreendida e ultrapassada pelo homem, uma coisa descoisificada. O que aconteceu no processo dessa transformação é a retirada da capa do nada que envolve a coisa e a integração do instrumento na plenitude de ser, é a desmistificação da coisa. O instrumento está integrado em nossa existência, não é misterioso. O instrumento está cheio de nós e "nós estamos cheios de instrumentos". Ao invés de rasgar uma abertura pa-

ra o nada, como o faz a coisa, o instrumento forma uma muralha contra o nada e tapa a nossa visão do nada. E é justamente essa plenitude do mundo instrumental, este "estar cheio", que nos causa nojo. Realmente é difícil compreender porque não nos matamos nesse mundo.

Essa transformação gradativa das coisas em instrumentos explica a deteriorização progressiva do nosso sentimento religioso. As coisas eram revelações do nada e, como tais, carregadas de sacralidade. Os instrumentos obstruem a visão do nada e são portanto o contrário do sacro, são o corriqueiro. As coisas representavam algo, eram símbolos de algo, e era possível adorar esse algo atrás das coisas. Os instrumentos representam, no melhor dos casos, o trabalho manipulador da existência humana, e a única coisa que é possível adorar nos instrumentos é o trabalho humano atrás deles. A única religiosidade da qual somos capazes, portanto, é a auto-adoração, é o narcisismo. A ele estamos dedicados, e ele é, talvez, a "razão" porque não nos matamos. Mas a adoração auto-erótica é nojenta. Não dá um autêntico significado à existência humana.

Dada essa nossa situação, compreendem-se as tentativas de uma reconquista do espanto, que são, no fundo, tentativas de dar significado à existência humana pela procura deliberada de uma segunda ingenuidade. É deste angulo que devemos interpretar a fenomenologia husserliana que é um método de deixar a coisa ser coisa. Pela "redução eidética", isto é, pela supressão de todos os aspectos instrumentais, e pela "epoché", isto é, pela supressão de todos os conhecimentos a respeito da coisa, procura Husserl redescobrir a coisidade, o "eidos" da coisa, o espanto da coisa. E é deste angulo que devemos interpretar o surrealismo que é uma tentativa de ver a coisa com olhos novos, redescobrir o seu espanto. Mas, bem no fundo, são frustradas todas essas tentativas. A ingenuidade não é algo a ser procurado. Como a virgindade, não pode ser reconquistada. Face ao mar, por exemplo, não podemos reconquistar o espanto primitivo, porque não podemos suprimir, autenticamente, os nossos conhecimentos quanto ao conteúdo salino e io-

2574/64

dino de sua água. Tendo sido elaboradas as tabuas das marés, nunca mais poderá o mar servir de berço de Afrodite, a nascida da espuma. Não é por esforço deliberado que poderemos reconquistar o espanto nem encontrar um significado da existência humana. A transformação das coisas em instrumentos é um processo irreversível e as tentativas reacionárias de fazê-lo refluir são fadadas a malogro.

O conjunto das coisas é a natureza, e a transformação das coisas em instrumentos equivale à domesticação da natureza, portanto ao seu aniquilamento. A natureza, tendo deixado de ser espantosa, deixou de ser natureza. Mas a natureza não é a única fonte do nosso espanto. É verdade que a atenção do pensamento ocidental se tem dirigido, a partir do renascimento, quase exclusivamente contra a natureza, e o resultado dessa atenção é justamente o aniquilamento da natureza. Como herdeiros dessa atenção exclusiva estamos inclinados para uma identificação entre natureza e mundo. Tendo sido a natureza transformada de espanto em tédio, estamos inclinados a concluir que o mundo inteiro se torno tedioso, e sentimos existencialmente esse tédio absoluto. Mas uma consideração por exemplo da Idade Média nos mostra que a natureza não é idêntica ao mundo. Mostra que o nosso ambiente não consiste somente de coisas a serem transformadas em instrumentos. É preciso desviar a atenção das coisas para descobrir todo um mundo espantoso em nosso redor, um mundo pronto

a precipitar-se sobre nós, desde que nós nos abramos para ele. É difícil falar-se desse mundo, porque ainda não foi articulado. Mas os nossos poetas e pintores são os primeiros a mergulhar nele e voltam, das suas expedições, com as primeiras articulações espantadas. Tudo é novo nesses versos que os poetas trazem, e tudo vibra com o espanto do nada do qual surgiu. E há um ar de aventura em redor desses versos, comparável à aventura das viagens de descoberta no século 14.

Creio que somos uma geração em transição, e que assistimos ao fim de uma época e ao surgir de outra. A Idade Moderna transformou a natureza em parque industrial e tornou-a tediosa. Esse tédio de "fin de siècle" nos faz perguntar: "por que não me mato?". Mas sentimos as dores de parto de uma Idade Nova. A natureza esvaziada, e os métodos de sua investigação, como ciência e tecnologia, tornaram-se desinteressantes existencialmente, mas surge um fascínio novo, ainda não articulável, mas existencialmente sorvível. O perigo desse novo fascínio reside no seu possível antiintelectualismo, e a tarefa da nossa geração é intelectualizá-lo. É uma tarefa nobre, e nela reside, ao meu ver, a resposta à pergunta "por que não me mato?". É uma tarefa espantosa. Aristoteles diz: "Propter admirationem enim et nunc et primo homines principiabant philosophari" (é pelo espanto que os homens começaram a filosofar antigamente e hoje em dia). Enquanto esse espanto da filosofia persistir, não há motivo de matar-se.